

Translinguagem, decolonialidade e Educação Linguística para Surdos no Sul Global: Novos caminhos para o acesso epistêmico e a afirmação de identidades

Kleber Aparecido da Silva¹

Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF, Brasil

Wilma Favorito²

Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Ivani Rodrigues Silva³

Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, Brasil

Tatiana Bolivar Lebedeff⁴

Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Pelotas, RS, Brasil

Apresentação

Visando a contribuir com a educação linguística para surdos no Sul Global, a partir de posturas críticas e/ou decoloniais (ANZALDÚA, 1987; QUIJANO, 2005; SANTOS, 2015; SOUSA-SANTOS, 2019), a intencionalidade do presente dossiê foi inspirada em estudos e pesquisas realizadas sob o prisma da Linguística Aplicada Crítica (PENNYCOOK; MAKONI, 2019; PENNYCOOK, 2018 2001; MENEZES DE SOUZA, 2019; KUMARAVADIVELU, 2012; MAKONI;

¹ Doutor em Estudos Linguísticos (UNESP – São José do Rio Preto). Professor Associado 2 do Curso de Letras “Português do Brasil como Segunda Língua” e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Coordenador Geral do Grupo de Estudos Críticos e Avançados em Linguagens (GECAL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7815-7767>. E-mail: kleberunicamp@yahoo.com.br.

² Doutora em Linguística Aplicada /Educação Bilíngue (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas). Professora associada 4 do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) atuando no Curso Bilíngue de Pedagogia e na pós-graduação lato sensu. Coordenadora do grupo de pesquisa Manuário Acadêmico e integrante do grupo de pesquisa Estudos de Língua portuguesa como L2 (INES). Membro do GT da Anpoll Interculturalidade, Linguagem e Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2419-4618>. E-mail: wilma.favorito@gmail.com.

³ Doutora em Linguística Aplicada /Educação Bilíngue (UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas). Professora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual de Campinas. Atua no CEPRE – Centro de Estudos e Pesquisa em Reabilitação/UNICAMP com grupos de surdos em idade escolar. Líder do grupo de Pesquisa do CNPq “Educação intercultural bi/multilíngue: ensino de português como segunda língua para surdos”. Membro do GT da Anpoll Interculturalidade, Linguagem e Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9264-5380>. E-mail: ivani.rodrigues.silva@gmail.com.

⁴ Doutora em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS). Professora Associada e Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do Grupo de Pesquisa Interinstitucional de Pesquisas em Educação de Surdos - GIPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0586-349X>. E-mail: tblebedeff@gmail.com.

PENNYCOOK, 2006; MOITA LOPES, 2006; RAJAGOPALAN, 2003), além de outras abordagens teóricas. O objetivo foi problematizar e analisar a crença na concepção de linguagem como uma entidade estática para enfatizar a mobilidade e fluidez entre as línguas, a mescla de identidades e culturas sem o cerco das fronteiras. O comportamento de falantes multilíngues mostra um uso móvel, ilimitado e versátil de mais de uma língua ao mesmo tempo para dar sentido ao mundo ao seu redor.

A educação linguística tem assumido muitas formas que continuam a intrigar os/as educadores/as e pesquisadores/as em todo o mundo, interpelando o viés monolíngue em salas de aula complexas e multilíngues. Com base em uma perspectiva indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), acreditamos que, nas práticas de salas de aula bi/multilíngues, estabelece-se um regime meta-discursivo entre falantes dentro e fora da escola (GARCIA, 2009).

Através das lentes da criticidade e da decolonialidade, importa o que as pessoas fazem com as suas línguas, em vez de como as línguas são. Nesta edição da Revista *Linguagem & Ensino*, apresentam-se contribuições de pesquisadores/as do Sul Global, que buscam discutir temas direcionados a uma comunidade que é minoritarizada/marginalizada no Sul Global, a saber, a comunidade surda (FAVORITO; SILVA, 2023). Além disso, problematiza-se o acesso epistêmico e a afirmação de identidades de surdos em espaços formais e não formais de educação em países do Sul Global.

Visa-se a apresentar, refletir e discutir estudos desenvolvidos em/fora de sala de aula, com o intuito de fomentar e promover iniciativas para ensino-aprendizagem de/para surdos e a valorização das línguas de sinais em contextos dinâmicos e complexos. São muitos os desafios educacionais, sociais e culturais que instigam nos pesquisadores da área da língua(gem) o desejo de se posicionarem em busca de inovações e de proposições teóricas, metodológicas, didáticas e epistêmicas. Em síntese, este dossiê é (re)pensado crítica e decolonialmente nesse horizonte, em que a *(trans)linguagem* se evidencia em suas pluralidades e, por decorrência, realiza-se como espaço de crise e criatividade, como um conjunto de práticas pedagógicas, como discursos, ideologias e políticas potencialmente indisciplinadas, transgressoras, híbridas e mestiças (ROCHA; TANZI NETO, 2020; MOITA LOPES, 2006), expandindo, assim, a noção de comunicação para além das palavras e línguas individuais ou nominadas, em favor de processos e práticas de (re)construção de sentidos, ideológica e historicamente situados e ecologicamente constituídos (CANAGARAJAH, 2013, 2017 a/b; ROCHA; TANZI NETO, 2020; NDLOVU; MAKALELA, 2021; SILVA; MAKALELA, 2023).

Por fim, este dossiê se organiza em dois blocos temáticos denominados **Translinguagem, decolonialidade e educação bi/multilíngue de surdos** e **Acesso epistêmico e afirmação de identidades**, além de uma seção que apresenta a resenha, de autoria de Mércia Regina Santana Flannery, da obra intitulada *Decolonising Multilingualism: recentering silenced voices from the Global South*.

SEÇÃO A: TRANSLINGUAGEM, DECOLONIALIDADE E EDUCAÇÃO BI/MULTILÍNGUE DE SURDOS

Na abertura deste dossiê, trazemos o artigo **O ensino bilíngue de surdos sob a perspectiva da translinguagem**, das pesquisadoras Maria Cristina Pereira e Elidea Bernardino, que contribuem com a reflexão sobre a temática da translinguagem sob a perspectiva da Educação Bilíngue de Surdos no Brasil. Nele, as autoras se propõem a refletir sobre a importância da translinguagem na educação bilíngue de surdos, apresentando exemplos desse fenômeno linguístico. Esse termo foi primeiro abordado por Colin Baker (2001 apud SWANWICK, 2017) e tem aparecido de forma mais consistente na última década, apesar de ter sido criado nos anos 1990 e ter sido usado em diferentes áreas desde então. No artigo, as autoras observam o uso de translinguagem a partir de estratégias utilizadas por professores na prática de sala de aula e confrontam essa prática com exemplos encontrados na literatura sobre a temática. Pereira e Bernardino se apoiam na literatura, especialmente em autores como Swanwick (2017) e Hoffman *et al.* (2017) ao dialogar com outros autores, tais como García (2009 apud HOFFMAN *et al.*, 2017), para quem a translinguagem é considerada um bilinguismo flexível que não tem limites ou fronteiras claras entre as línguas. García (2009 apud HOFFMAN *et al.*, 2017) utiliza o termo para se referir à prática pedagógica de empregar as duas línguas do bilíngue na sala de aula de forma fluida e dinâmica. Como uma teoria e uma abordagem para a aprendizagem de línguas, a translinguagem, segundo Pereira e Bernardino, flexibiliza as definições tradicionais de bilinguismo para fazer referência às maneiras como as pessoas bilíngues usam os recursos de ambas as línguas para mediar atividades cognitivas, sociais e linguísticas, particularmente durante a leitura. As mesmas autoras, no entanto, destacam, a partir de Swanwick (2017), que o desenvolvimento de boas práticas translíngues na educação de surdos é, muitas vezes, limitado por uma série de fatores, como, por exemplo, o fato de muitas crianças surdas não estarem ou não se inserirem em contextos bilíngues aditivos, nos quais suas habilidades bimodais e bi/multilíngues são reconhecidas ou estimuladas. Outro destaque das autoras relaciona-se ao fato de que os estudantes surdos estão inseridos em espaços que não valorizam os seus diversos repertórios linguísticos por terem professores que não possuem as habilidades linguísticas bilíngues necessárias para que a translinguagem se desenvolva.

No artigo **Translinguagem e educação de surdos: possibilidades a partir da digitalidade**, Virgínia Maria Zilio investiga narrativas de youtubers surdos para refletir sobre as possibilidades translinguísticas da educação desse público, no sentido de que esse modo de conceber a linguagem aponta para uma perspectiva que favorece a integração dos diferentes repertórios e competências linguísticas e comunicativas dos surdos. A autora enfatiza que, embora sua discussão esteja centrada em práticas multilíngues e nas possibilidades de trânsitos entre línguas, é necessário considerar que esses fluxos só se realizam quando se tem uma língua de partida. Essa ressalva é bastante pertinente e peculiar à comunidade surda brasileira, uma vez que, em geral, os surdos nascem em lares ouvintes e

não contam com contextos apropriados de aquisição de língua de sinais na primeira infância, resultando, em muitos casos, em um longo período de privação linguística. A partir do momento em que a criança surda tem acesso à língua de sinais, essa língua, como qualquer outra, permite o acesso a outras línguas e linguagens. Nesse sentido, a autora propõe pensar como, na contemporaneidade, “a circulação da língua de sinais, acessível por meio de mídias digitais imagéticas, pode representar a redução da distância entre a criança surda e uma educação linguística possível”. Com a multimodalidade discursiva possibilitada pelos recursos da digitalidade que, segundo a autora, representam “uma gama infinita de produção de significados por meio dos recursos disponibilizados pelas tecnologias”, é possível ampliar o que se entende por educação linguística dos surdos, rompendo-se com a lógica da educação bilíngue como um território meramente binário e com fronteiras bem estabelecidas. Ou seja, “propõe-se subverter as noções de posse linguística (língua própria dos surdos ou dos ouvintes) no intuito de compor noções compatíveis com a multiplicidade linguística que emerge das relações cosmopolitas contemporâneas”.

Em seguida, o texto **Educación de los sordos: desde la normalización al plurilingüismo**, de Leonardo Peluso e Ana Claudia Balieiro Lodi, discute as políticas linguísticas e de ensino de línguas desenvolvidas no âmbito da educação de surdos no Uruguai e no Brasil. Para isso, os autores elaboram um ensaio teórico que objetiva caracterizar a escola da modernidade e a sua política linguística monolíngue, e, a seguir, realça o funcionamento da educação de surdos nesse quadro conceitual, político e metodológico. Concluem e destacam a necessidade de a educação de surdos migrar de uma perspectiva bilíngue, tanto nos seus fundamentos como nas suas práticas, para uma perspectiva plurilíngue/translíngue que reconheça os alunos surdos nas suas múltiplas identidades linguísticas e políticas.

No ensaio **Perspectivas (de)coloniais na educação linguística: uma análise de concepções monolíngues nas práticas escolares para/com pessoas surdas**, Claudia de Souza Martins Lima, Karlene Ferreira de Souza e Shelton Lima de Souza apresentam discussões e reflexões acerca das contribuições dos estudos culturais e decoloniais em relação à educação de surdos, e, para isso, problematizam alguns elementos de documentos educacionais que se referem às práticas de alfabetização e de letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir das perspectivas de linguagem, de educação e de identidade dos estudos culturais e dos estudos decoloniais, os autores apresentam problematizações referentes a possibilidades de se (re)pensar sentidos e práticas insurgentes e, portanto, sentidos outros na educação linguística para/com surdos. Para isso, sustentam a tese de que o processo de ação decolonial no campo da educação, intrinsecamente relacionado a perspectivas linguístico-identitárias, implica a ruptura de modelos de ensino de línguas advindos da hegemonia construída em torno das línguas oroauditivas. Nesse sentido, os autores propõem-se a romper com a noção de que pessoas surdas no Brasil devem fazer uma transposição direta de variedade padrão do português para suas produções textuais escritas.

No texto **(De)colonialidade na Educação Bilíngue para Surdos/as no Brasil: trajetórias para gretar**, Thatiane do Prado-Barros, Valdiceia Tavares-Santos e Rodrigo Albuquerque, em

defesa do que denominam “uma verdadeira educação bilíngue intercultural”, apresentam reflexões sobre as tensões produzidas pelas políticas educacionais vigentes para alunos/as surdos/as, na medida em que, embora haja avanços conquistados nas últimas duas décadas, ainda se verificam práticas assistencialistas e capacitistas tributárias de uma ótica colonial. Por meio de ampla revisão de literatura na perspectiva decolonial, os autores se propõem a responder as duas questões que governam a discussão, por eles desenvolvidas: “de que forma a educação de Surdos/as pode ser considerada colonial?”; e “quais as possíveis implicações do pensamento decolonial na prática pedagógica de Surdos/as?” Entendendo colonialidade como estratégias de controle que submetem e inferiorizam nações, territórios, corpos, línguas e culturas, o artigo argumenta a favor de uma educação decolonial de surdos/as no intuito de legitimar os repertórios linguístico-culturais dessa comunidade, transgredindo a lógica dominante de subalternização de sujeitos, corpos e saberes. Sob a ótica da decolonialidade, os autores defendem práticas pedagógicas bilíngues e interculturais que se constituam em espaço de resistência às metapragmáticas capacitistas “como caminho para uma *inclusão menos excludente* e para o favorecimento da equidade entre pessoas Surdas e não Surdas de maneira cultural e efetiva”.

Ubuntu translanguaging: a decolonial model for the Global South multilingualism, de Leketi Makalela e Kleber Aparecido da Silva, apresenta e explora o constructo *translanguaging* no contexto do Brasil e da África do Sul, visando a elaborar uma proposta de multilinguismo baseado nas competências culturais locais. Levando em conta os contextos sociolinguísticos brasileiros e africanos anteriores ao colonialismo europeu, os autores recorrem aos repertórios culturais dos povos originários desses países para combater as suposições coloniais e inquestionáveis relativas à educação multilíngue em ambos os países. Reposicionados criticamente na teoria da *translanguaging ubuntu*, Makalela e Silva defendem a decolonização dentro e fora dos discursos de *translanguaging* em contextos minoritizados, tais como a educação de surdos no Brasil e na África do Sul. Os autores apresentam recomendações pedagógicas úteis para os eventos/práticas de letramentos na perspectiva *ubuntu* e que poderão ser adaptadas em contextos relacionados.

Na sequência, Guilherme Gonçalves de Freitas e Francisco José Quaresma de Figueiredo, com o artigo **Os efeitos da colaboração na produção de textos escritos em Libras/Elis: um estudo sobre as estratégias de aprendizagem**, trazem os resultados de pesquisa em que analisam as estratégias utilizadas por alunos surdos e ouvintes durante uma escrita colaborativa de textos em Libras/Elis. Tais resultados apontam que a colaboração entre os participantes, segundo os autores, permitiu maior troca de informações, tanto conceituais quanto linguísticas, entre os estudantes surdos e ouvintes do 5º período do curso de Letras/Libras de uma universidade. Os estudantes surdos e ouvintes utilizaram uma diversidade de estratégias para produzir textos em Libras por meio do sistema de escrita Elis, tais como o uso do português e da Libras, conversas sobre procedimentos das tarefas, o uso de *scaffolding* ao solicitar esclarecimentos ao colega sobre algo em relação à tarefa, além de gestos, apontamentos e repetições de sinais em Libras. Os autores observam que a produção

colaborativa de textos pode ser um caminho profícuo para “levar os/as estudantes [...] a aprender com o/a outro/a, a refletir e a desconstruir informações errôneas”, assumindo um papel ativo no seu processo de aprendizagem.

SEÇÃO B: ACESSO EPISTÊMICO E AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES

Com base em conceitos teórico-conceituais dos campos dos Estudos Surdos em Educação e dos estudos acerca das relações étnico-raciais, o artigo **Negros/as surdos/as: reflexões sobre interseccionalidades e resistências**, de Rhaul de Lemos Santos, Sueli de Fátima Fernandes e Paulo Vinicius Baptista da Silva, levanta uma discussão ainda pouco desenvolvida: as pontes interseccionais entre as identidades de negros/as surdos/as e as discriminações vividas por esses sujeitos dentro e fora da comunidade surda. A partir do conceito de interseccionalidade (COLLINS, 2017), o texto apresenta reflexões que envolvem o “entrecruzamento entre raça e surdez, analisando a tematização das políticas de identidades em algumas manifestações artístico-culturais de negros/as surdos/as”, ampliando, assim, o debate de políticas de identidades, especialmente no que se refere às lutas dos movimentos sociais de surdos/as negros/as. Com isso, os autores discutem uma articulação sem visibilidade ainda na área da surdez, ou seja, a “interconexão de práticas racistas e de colonização linguística”, partindo do princípio de que os sujeitos não são surdos/as ou negros/as simplesmente, ou separadamente, mas trata-se de olhar esses sujeitos como constituídos e produtores de entrecruzamentos identitários complexos. Esse outro modo de olhar, conforme os autores, interpela a hegemônica autorepresentação do movimento surdo que afirma suas identidades em critérios predominantemente linguísticos e que acabou por restringir o campo de lutas ao binarismo surdos x ouvintes, desconsiderando um intrincado sistema de múltiplas opressões, para além do ouvintismo. Tomando as identidades negras surdas “como metáfora de outras possíveis opressões que invisibilizam mulheres negras surdas, gays negros surdos, crianças negras surdas”, o artigo nos convida a pensar outras possibilidades de compor cruzamentos identitários no interior das identidades surdas para expandir o debate sobre a subalternização à qual esses sujeitos estão expostos em suas vivências no mundo social. Por fim, os autores, ao analisarem as estratégias de produção, circulação e consumo das produções culturais (arte, poesia, narrativas da literatura surda) de negros/as surdos/as, argumentam que essas manifestações estéticas têm potencializado a emergência de novas formas de resistência e agência produzidas por “artistas” da luta negra surda, o que pode em muito contribuir para um letramento racial crítico na educação de surdos.

Com o provocativo título **Surdo-Mudo ou Deficiente Auditivo? Analisando A mudança lexicológica à luz da Lexicologia Sócio-Histórica**, o texto desenvolvido por um grupo interinstitucional de autores teve como objetivo analisar a mudança lexical do termo *surdo-mudo* para *deficiente auditivo*. Os autores buscam compreender o sentido dado aos termos mencionados a partir de três questionamentos: a) como se construíram os discursos em

relação a esse grupo social?; b) quais fatores intralinguísticos e extralinguísticos impulsionam o surgimento desses termos?; e c) por que ocorre essa variação lexicológica? No artigo, Marcos Roberto dos Santos, Francilene Machado de Almeida, Falk Soares Ramos Moreira, Renata Rodrigues de Oliveira Garcia e Marta Ingrith Cabrera Molina utilizam o termo “sujeito surdo” para se referirem às pessoas que possuem cultura visual e espacial, cujos processos cognitivos e as formas de significar e interpretar o mundo se dão por meio da língua de sinais. Entretanto, o termo “sujeito surdo” não faz parte do *corpus* de análise. Os autores realizam uma pesquisa documental com abordagem quali-quantitativa, sendo que o *corpus* é composto por 200 textos do Jornal do Brasil, editado na cidade do Rio de Janeiro. Os autores constatarem aproximadamente 16.000 ocorrências de lexias (*tokens*) e 7.000 de lexias (*types*). O período de investigação para a denominação *surdo-mudo* é delimitado de 1930 a 1969 e, para *deficiente auditivo*, de 1970 a 2009. Para compreender os resultados, os autores salientam que o léxico de uma língua também retrata um momento social. Por isso, abordam as concepções sociais sobre a surdez que demonstram a forte influência sobre os termos *surdo-mudo* e *deficiente auditivo*, estabelecendo nexos entre os termos e o momento sócio-histórico.

Em seguida, os autores Arenilson Ribeiro e Rachel Sutton-Spence apresentam uma interessante proposta de tradução de Literatura de Cordel para a Libras no artigo **Estudos Descritivos da Tradução: Normas de Tradução de Literatura de Cordel para a Libras**. O texto propõe a identificação de normas de tradução da literatura de cordel para a Libras. De acordo com os autores, o texto cordelista possui elementos que caracterizam sua estética, os quais devem atender às normas da comunidade-alvo. Teoricamente, os autores baseiam seus estudos principalmente em Toury (1995) acerca de uma abordagem descritiva dos estudos da tradução; no Iphan (2018) acerca da estrutura da literatura de cordel; em Sutton-Spence (2008) para tratar dos elementos poéticos da língua de sinais; e em Ribeiro (2020) sobre os elementos poéticos utilizados como estratégias na tradução da literatura de cordel para a Libras. A metodologia de pesquisa é descritiva, com foco nos critérios de avaliação da comunidade surda em relação à tradução apresentada e em uma análise de uma tradução de um poema cordelista realizada por Ribeiro em 2020. No texto, descrevem as normas de tradução: repetição, manipulação, boia, simetria, adaptação e sincronia lexical. Os autores enfocam a articulação dos sinais no espaço topográfico e o uso de imagens no discurso multimedial.

O texto de Nelson Goettert, Lodenir Karnopp e Cleci Regina Bevilacqua, intitulado **Dicionário Internacional de Línguas de Sinais: Spread The Sign no Brasil**, tem como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto Spread the Sign (STS), com foco nas atividades realizadas no Brasil (Spread the Sign-Brasil). O projeto teve início em 2006, com financiamento da Comissão Europeia, sendo gerenciado, desde 2009, pelo European Sign Language Center – ESLC, uma organização não governamental e sem fins lucrativos. No âmbito europeu, o projeto, de acordo com Coelho (2012), visa a responder a uma série de necessidades, tanto das comunidades surdas quanto de ouvintes, especificamente, em

relação ao “trabalho em educação e formação (nomeadamente em escolas, onde se recorre com muita frequência ao uso pedagógico do site e do seu conteúdo em contexto de sala de aula), saúde, justiça e outros serviços” (p. 220). Atualmente, o STS é um dicionário digital que torna acessíveis línguas de sinais de diversos países do mundo. Nesse momento, o projeto tem 14 equipes financiadas pela Comissão Europeia. Além da Europa, o projeto tem se expandido para outros continentes, o que resulta, segundo o site do STS, em um total de 44 línguas de sinais participantes. Os autores descrevem os objetivos do projeto em nível internacional e nacional e as atividades e etapas desenvolvidas pelas diferentes equipes brasileiras. Apresentam, também, a estrutura e os recursos do banco de palavras em línguas de sinais, com foco na Língua Brasileira de Sinais (Libras), evidenciando algumas informações, como a inclusão de variação (sinônimos) e de vídeos que indicam a realização do sinal. O texto ressalta a importância da criação de recursos lexicográficos específicos para a Libras.

Fechando este dossiê, apresentamos o artigo **A construção da identidade surda em O Grito da Gaivota, de Emmanuelle Laborit: como e por quê?**, em que as autoras Deucilania Tenório Sousa Carvalho e Ediane Silva Lima produzem suas reflexões a partir do livro *O Grito da Gaivota*, leitura referência nos anos de 1980, sobre a construção da(s) identidade(s) surda(s). Para isso, as autoras partem dos seguintes questionamentos: i) os artefatos culturais presentes na obra direcionam para a construção da identidade linguística surda da personagem?; e ii) quais elementos narrados/descritos no relato autobiográfico, presente no referido livro, representam a identidade surda? Na reflexão, as autoras se baseiam no relato de vida de Emmanuelle Laborit, surda francesa que empresta seu nome à obra, e destacam a importância de o indivíduo surdo reconhecer-se como tal, tendo em vista que, segundo as pesquisadoras, uma das principais barreiras para o exercício de poder do sujeito surdo “é a inexistência de uma identidade, a omissão e o não reconhecimento da surdez”. Em suas conclusões, enfatizam trechos da obra, os quais confirmam a presença de artefatos culturais presentes em diversos momentos da vida da autora Emmanuelle, destacando-se, ainda, “traços identitários da comunidade surda narrados na obra que foram internalizados por Laborit, auxiliando-a, desta forma, na construção da sua própria identidade”.

RESENHA

A resenha do livro **Decolonising Multilingualism: recentring silenced voices from the Global South**, de Finex Ndlovu e Leketi Makalela, realizada por Mércia Regina Santana Flannery, propõe-se a problematizar o multilinguismo africano tal como é atualmente entendido na educação e nas investigações linguísticas. Para tal intento, conforme a autora da resenha afirma, os autores do livro buscam desafiar as duradouras matrizes coloniais de poder ocultas nas concepções dominantes do multilinguismo, que foram propagadas no Norte Global e depois exportadas para o Sul Global sob a égide da modernidade colonial e das pretensões de relevância epistêmica universal. O livro é uma sólida contribuição para a nossa área de investigação, em especial para contextos minoritarizados, como a educação linguística

para surdos, pois apresenta e discute novos pontos de método, teoria e interpretação que poderão contribuir com o avanço acadêmico-científico acerca da epistemologia decolonial, introduzindo a noção de colonialidade da língua – um termo sumário que descreve as formas como as noções de língua e multilinguismo nas sociedades pós-coloniais permanecem coloniais. Os autores apresentam e defendem a tese de que uma noção socialmente realista de multilinguismo existiria quando levássemos em conta as vozes das comunidades linguísticas africanas marginalizadas e ignoradas tanto no continente africano como nas diásporas.

Esperamos que este dossiê possa proporcionar reflexões, debates em torno das temáticas aqui abordadas no vasto campo da linguagem e suas conexões com a complexidade da educação linguística de surdos, do acesso epistêmico e, portanto, de diferentes repertórios linguísticos e culturais que transitam nas comunidades surdas do Sul Global.

Referências

- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La frontera: The new mestiza*. São Francisco: Spinters/Aunt Lute, 1987.
- CANAGARAJAH, S. Translingual Practice as Spatial Repertoires: Expanding the Paradigm beyond Structuralist Orientations. *Applied Linguistics*, v. 39, n. 1, p. 1-25, 2017a.
- CANAGARAJAH, S. *Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations*. London/New York: Routledge, 2013.
- CANAGARAJAH, S. *Translingual practices and neoliberal policies: attitudes and strategies of African skilled migrants in Anglophone workplaces*. New York: Springer, 2017b.
- COELHO, O. Surdos estudam e investigam na Universidade do Porto: contributos para a reflexão sobre a universidade inclusiva no âmbito da surdez. In: LOPES, A.; FREITAS, A.; PIZZI, L.; CAVALCANTE, M.; FREITAS, M.; NEIZA, F. (Orgs.). *Formação docente em contextos de mudanças*. Maceió: Edufal, 2012. p. 195-226.
- COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Revista Parágrafo*, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.
- FAVORITO, V.; SILVA, I. R. Políticas linguísticas e educação de surdos. In: SILVA, K. A.; RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). *Políticas Linguísticas no Brasil: rumos, contornos, perspectivas e meandros*. São Paulo: Pá de Palavra/Parábola Editorial, 2023 (no prelo).
- GARCÍA, O. *Bilingual education in the 21st century: A global perspective*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.
- HOFFMAN, D.; WOLSEY, J.; ANDREWS, J.; CLARK, D. Translanguaging supports reading with deaf adult bilinguals: a qualitative approach. *The Qualitative Report*, v. 22, n. 7, p. 1925-1944, 2017.
- IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Literatura de Cordel: Dossiê de Registro*. Brasília, 2018.

- KUMARAVADIVELU, B. Individual identity, cultural globalization, and teaching English as an international language: the case for an epistemic break. In: ALSAGOFF, L. *et al.* (Eds.). *Principles and practices for teaching English as an international language*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2012. p. 9-27.
- MAKALELA, L. *Not Eleven Languages: Translanguaging and South African Multilingualism in Concert*. New York: Mouton De Gruyter, 2021.
- MAKALELA, L.; WHITE, G. (Eds.). *Rethinking Language Use in Digital Africa: Technology and Communication in Sub-Saharan Africa*. Clevedon: Multilingual Matters, 2021.
- MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. *Disinventing and reconstituting languages*. Clevedon: Buffalo, 2006.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. Glocal languages, coloniality and globalization from below. In: GUILHERME, M.; MENEZES DE SOUZA, L. M. (Eds.). *Glocal languages and critical intercultural awareness: The south answers back*. New York: Routledge, 2019. p. 17-41.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- NDLOVU, F.; MAKALELA, L. *Decolonising multilingualism in Africa: Recentering Silent Voices from the Global South*. Clevedon: Multilingual Matters, 2021.
- PENNYCOOK, A. *Critical applied linguistics: a critical introduction*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- PENNYCOOK, A. *Posthumanist Applied Linguistics*. London: Routledge, 2018.
- PENNYCOOK, A.; MAKONI, S. *Innovations and Challenges in Applied Linguistics from the Global South*. London: Routledge, 2019.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- RIBEIRO, A. C. *Literatura de cordel contemporânea: Uma tradução prazerosa do par linguístico Português-Libras*. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- ROCHA, C. H.; TANZI NETO, A. Translinguagens: discurso, políticas e pedagogias. *Revista X*, v. 15, n. 1, p. 01-06, p. 1-6, 2020.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015.
- SILVA, K. A.; MAKALELA, L. (Eds.). *Routledge Handbook of Translanguaging in the Global South*. Routledge: London, 2023.

SOUSA-SANTOS, B. Para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SOUSA-SANTOS, B.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Editora Almedina, 2009. p. 23-72.

SOUZA, A.; SILVA, K. A. (Orgs.). *O Ensino de Português do Brasil - uma herança, um acolhimento*. [S. l.]: JNPBooks Ltd, 2020.

SUTTON-SPENCE, R. Imagens da identidade e cultura surdas na poesia em línguas de sinais. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Orgs.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008. p. 329-339.

SWANWICK, R. Translanguaging, learning and teaching in deaf education. *International Journal of Multilingualism*, v. 14, n. 3, p. 1-17, 2017.

TOURY, G. The nature and role of norms in Translation. In: TOURY, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 60-76.